

Novelinho

Trecho do livro *Desatino*
de Leonardo Brasiliense
(Editora Sulina, Porto Alegre, 2002)

Na serra é princípio de inverno, meia-tarde. Esticada sob dois cobertores, toda magricela, Cordélia ouve a chuva cair no telhado, fraca, os pingos espessos, depois mais forte, chiada, e voltando a fraquejar, como cansasse, mas agora fina, quase inaudível. A janela, ao pé da cama, deixa se ver a copa de uma laranjeira e um pedaço do céu. Cordélia abre os olhos e nota um solzinho tímido entre as nuvens, e que a chuva é um veludo a cobrir as folhas da laranjeira. Sente uma alegria que a faz enrugar todo o rosto, num sorriso simples, como só na sua idade se pode ter. Sente frio e puxa mais uma coberta sobre as pernas.

Da cozinha vem um cheiro de quentão. Cordélia se acorda. Já vai o sol e se tece a penumbra no quarto. Ela chega na cozinha quando o velho esposo põe canela na fervura. Eles tomam o quentão na varanda. Cordélia estira-se na cadeira de balanço. O velho esposo, num mocho, escora-se na parede. Contemplam ao morro a sua frente, negro, a mata virgem espremida de cima a baixo. Vê-se a primeira estrela. Logo será mais frio, e o quentão acabado, hora de se recolher.

À noite, após a sopa, Cordélia se acomoda junto à lareira.

Tem uma grande caixa aos pés, com a lã do desmanche de um casaco antigo, que será enovelada para fazer-se um casaco novo. O velho esposo oferece ajuda. Cordélia declina sem dizer, nem pensar, mas sabendo que há de fazê-lo solitariamente. Começa, pára e recomeça repetidas vezes. Embora o fio seja um, a nozeira o faz parecer vários, e incomunicáveis.

* * *

A antiga vila crescera ao redor da estação férrea. Ali os passageiros tinham que descer, não apenas para esticar as pernas e respirar o aroma do campo verde, mas também para consumir pastéis engordurados e café morno, que interpunham seus próprios aromas entre os viajantes e o campo verde.

Um dos primeiros moradores da vila fora o chefe da estação. Lá instalara-se com a família: esposa, três meninos e sogra. A esposa chegou grávida de oito meses. Ao rebento, menina de dois quilos e oitocentos grammas, chamaram Cordélia.

Isso foi em 1910, e da infância Cordélia se não lembra. Enquanto enovela, sentada junto à lareira, lembra-se da briga com o pai, aos dezessete anos...

Um maquinista em fim de carreira, solitário desde a morte da mulher, comprara fiado, para dar uma grande festa, quase tudo o tinha na venda local. Foi o maior baile da história da vila. O maquinista dançou com todas as mulheres e abraçou todos os homens

antes de se enforçar nos fundos do salão. Dias depois, um dos jovens presentes confessaria ao vigário que, saindo para urinar, surpreendeu o maquinista a debater-se pendurado no abacateiro, viu-o solenemente suspender o desatino e pôr o indicador sobre os lábios, pedindo-lhe que não interrompesse a festa antes da hora. O jovem cúmplice manteve o segredo, e todos continuaram bebendo e dançando.

Na verdade, dançavam por conta dos donos da venda, que afinal bancaram a festança e então se viram falidos. Rumaram também, com intervalo de uma semana, primeiro o velho e depois a velha, à sombra última do abacateiro.

Assim Cordélia ouviu de seu amor, filho do casal enforcado, que ele iria para a fronteira cumprir o serviço militar e queria engajar-se nas armas, pois na vila não lhe sobraram perspectivas. E o rapaz não pediu, responsável que era, mas Cordélia anunciou em casa que iria junto. A mãe caiu num choro sibilante, logo seguido por um ataque de asma. Com o pai foi a briga, a discussão, os tabe-fes, palavrões e no final Cordélia caída na cama, chorando... A mãe na sala, chorando... O pai recolhido a seu quarto, rangendo os dentes e espremendo os olhos para não chorar. Nunca mais houve uma família.

De noite partiu o trem com o futuro sargento minutos antes de chegar Cordélia, fugitiva, à estação. Na plataforma, sentada sobre a mala, ela teve náuseas com o cheiro do pastel gorduroso e praguejou a alma do maquinista morto, certa de que ele voltara do

inferno para conduzir o trem que levava seu amor antes da hora.

* * *

A casa amarela era na fronteira. Era onde se recebiam as meninas sem destino ou sem recursos bastantes ao destino escolhido. Ali ficavam provisoriamente, tanto menos quanto maior a sorte. Uma das cozinheiras, por exemplo, estava na casa provisoriamente há trinta e cinco anos.

A casa no princípio era branca, sede urbana de um grande estancieiro que a perdeu no jogo. O ganhador, correntino e sem pretensão de fixar-se, vendeu-a barato a um conterrâneo que prosperava no comércio e morreu do coração no catre da amante, deixando às legítimas mulher e filha a loja em mãos de seus legítimos credores. A viúva, por sua vez, tocou a vida retornando à única profissão que tivera quando solteira, ao que recrutou algumas moças interessadas em trabalho estável e proventos garantidos. A casa foi pintada de amarelo, e o vasto pátio, transformado numa galeria de quartos.

A filha do comerciante morto, Claudinha, depois dona Claudina, herdou da mãe o estabelecimento e o tino gerencial, apenas. A gente mesquinha dizia que ela era virgem; os exaltados, que teria sido mulher de poucos e notórios amantes; já os realistas, como desde sempre e ainda hoje, resignavam-se a conviver com a incerteza.

Ao chegar, Cordélia ouviu de uma subgerente as regras da casa, recebeu de uma empregada as chaves de seu quarto e de sua porta no armário da cozinha, recebeu de outra duas mudas de lençóis, duas toalhas de banho e duas dúzias de paninhos higiênicos, e de dona Claudina, além do reforço de todas as recomendações, um frasco de perfume e um abraço quente, que a fez lembrar sua querida mãe e esquecer o amor que ora já seria sargento, ele que, sem dúvida, era o motivo de sua vinda à fronteira.

* * *

Vieram morar na serra em busca de paz. Compraram o chalé distante da cidade. Nada de rodovia, barulho, sequer moços. Os vizinhos, como eles, são velhos sem filhos ou com os filhos na cidade. Mesmo a sede do distrito fica longe. Por perto, apenas velhos, aos pares ou viúvos, em suas moradas penúltimas.

As tarefas são repartidas. Cordélia cuida o pomar; o velho esposo, a horta. Ela arruma a casa; ele cozinha e corta a lenha. Ela cuida dele; e ele, dela. Ela se levantou à tardinha; ele preparava quentão e, enquanto a bebida fervia, sentado à mesa, a cabeça coberta por um pano, inspirando o vapor que exalava de um tacho, tossia. Ele tosse com frequência, às vezes com sangue.

O ar da serra é saudável. Cordélia também. Mas o velho esposo, não.

* * *

Na capital, em 1952, ela acordava de madrugada. Não vivia longe da escola onde lecionava, era até bem perto, se quisesse poderia levantar mais tarde. Mas gostava da tranqüilidade da primeira manhã porque, na capital, a vida era já naquela época muito ruidosa: a vizinha do quarto de baixo ia ao tanque no pátio central e batia as roupas molhadas como estivesse matando um bicho medonho; o vizinho de cima, vendedor de rua, gargarejava por meia hora antes de sair; três quartos à esquerda, habitavam uma senhora solteira e seus três cachorros que serviam a todos como despertador, os pobres saíam correndo escada abaixo e um pouco mijavam na escada mesmo.

De combinação, passava a roupa fumando. Na mesma mesa, tomava café preto e comia as rosquinhas que lhe dava a cozinheira da escola. A cozinheira era analfabeta. Cordélia a ensinava a ler, porém as aulas se desviavam sempre à lamúria: a aluna reclamava do marido vagabundo que, por vagabundo, tinha tempo de sobra para corneá-la, reclamava dos filhos que sumiram, reclamava das colegas, reclamava de tudo o que lembrasse para reclamar. Como as aulas não rendiam, Cordélia não cobrava. E insistindo em pagar, a mulher lhe trazia bolos, sonhos e rosquinhas. As aulas da cozinheira, ao contrário daquelas do menino André Macedo Cortês, eram no próprio cortiço, no quarto da professora.

Na primeira aula do menino, Cordélia encontrou na casa

dos Macedo Cortês, lavando janelas, a vizinha dos cachorros mijões. As duas se reconheceram, mas não se cumprimentaram.

* * *

A serra amanhece mergulhada em nuvens. São visíveis somente as copas dos pinheiros mais altos. Cordélia inspira, enchendo de ar fresco os pulmões, sadios apesar dos noventa anos. Tão logo a cerração dissipe, fará sua caminhada habitual, colherá folhas e galhos para o chá. Antes, o café da manhã preparado pelo velho esposo. Ele corta o queijo com a faca do pão, tira a casca e põe uma fatia no prato de cada um, primeiro no dela. É observado com carinho, e se encabula ao perceber. Os olhos de Cordélia se umedecem, avermelhados.

Troveja longe. A chuva não tarda, e o passeio se abrevia. No retorno a casa, ela passa pela vizinha que pendura lençóis no varal. Pergunta alto pela vida, a outra diz que vai daquele jeito. A vizinha é meio surda, não sabe que vai chover. Cordélia esquece de avisá-la. Lembrará quando estiver em sua poltrona, frente à caixa repleta da lã por enovelar e ouvindo a chuva então ruidosa, quando lembrará também um banho de chuva há muitos anos. Neste momento, ela apenas se despede da velha surda, segue embora e reza para que não se molhe.

* * *

A professora, como se diz, era madura, quarentona. O salário de escola pública obrigava ao complemento com aulas particulares. Naquela tarde iniciavam as de um menino chamado André. Chegara ao bairro nobre de bonde, e ao portão da família Macedo Cortês, ensopada de chuva. Esquecera a sombrinha no carro elétrico, não conseguia se acostumar à vida na capital.

Apresentou-se à porta como a professora. O que atendeu se disse o pai. Constrangidos com a situação, tardaram as segundas palavras. Desculpe o estado, foi. Qual nada, entre, vou mandar vir uma toalha. Não se incomode. É necessário, senhora, senhorita. Cordélia. Sim, perdão, eu sabia, me esqueci, quer dizer. Eu me atrasei. Não, de modo algum, meu filho é que está atrasado, saiu com a mãe, voltariam logo, deve ser a chuva.

Uma criada veio com a toalha, uma grande toalha branca e macia. Cordélia enrolou-se. O sr. Macedo Cortês enfim se apresentou pelo primeiro nome, João, dispensando a criada. Logo o pai e a professora estavam na cozinha. Ele passava café, coisa inimaginável para ela, que tremia sem saber se era de frio ou por quê.

Falavam do pupilo, suas dificuldades e gostos, e como se demoravam ele e a mãe. A senhorita decerto que tem outro compromisso. Não, hoje não, posso esperar. Houve silêncio, desconforto recíproco. Falaram do tempo, do incidente no bonde, do banho de chuva, até se perceberem repetitivos. Novo silêncio, crescente, e crescia o desconforto. Ele ofereceu mais café. Aceito, obrigada. De

nada. Novamente os dois ficaram quietos, e também a xícara, a grande mesa de jacarandá, as cortinas floridas, as compotas sobre o armário, os azulejos, a chuva, todos ficaram quietos, porque entre todos eles havia algo se remexendo, pedindo para ser ouvido, causando-lhes um imenso e bom desconforto.

André, peça desculpas a sua professora. O coração batendo na garganta, Cordélia virou-se a tempo de ver a sra. Macedo Cortês subindo as escadas, pisando firme. O menino estendeu-lhe a mão. Era miúdo, vestia-se como um adulto, estava impecavelmente seco e tinha os olhos do pai.

* * *

Na casa amarela, os quartos não eram iguais. Variavam em tamanho, luxo, localização e arejamento conforme a inquilina. Porque algumas, de família e estudadas, tinham mais a oferecer: o requinte na dança, no falar, ou a simples correspondência de nível com os clientes que, assim, sentiam-se limpos. Entretanto, havia além dessa uma outra medida, mais perversa, apesar de natural: a idade. Aos sinais do tempo, mudavam as damas de quarto, bem como de freguesia. Para elas, era o início do fim da vida, a menos que fugissem por um de três caminhos: casar-se, abrir uma casa do ramo noutra cidade, ou morrer de pestilência venérea.

As recém-chegadas, na maioria moças e não raro muito, muito jovens, independentemente da classe social recebiam os bons

aposentos, até serem desvirginadas, o que significava passar por todos os notórios clientes, estancieiros e autoridades locais, civis e militares. Assim entre os fregueses repetia-se a distinção: havia os afortunados, aos quais se reservava até mesmo sala de jogos exclusiva, e os desafortunados, que acabavam comendo restos.

No fundo o paralelo é deficiente, pois entre as senhorinhas o infortúnio era geral, precoce às da classe mais baixa da sociedade, tardio às outras, mas geral. Porque o tempo passava para todas, sem nenhuma exceção, sem perdão e, diga-se tudo, com desumana pressa.

Na época, nada ou pouco disso importava a Cordélia, que chegara com seu objetivo, guardando-o para si. Sem deixar transparecer curiosidade, perguntou às mais antigas sobre os militares. Ouviu patentes e famas, também alguns nomes. E feliz ou infelizmente, não ouviu o nome que esperava.

Por ser bela, Cordélia não demorou a prosperar na casa. Por ordem da proprietária, dona Claudina, só aparecia no salão bem depois das outras. Muitos senhores graúdos a esperavam sem disfarçar, vigiando de suas mesas o corredor das meninas, alargando a gola da camisa, secando a testa com lenço branco e olhando no relógio várias vezes, a cada uma pedindo mais uma dose.

Na fronteira, entre os senhores de posse, nem todos possuíam educação formal ou sequer bons modos, e alguns por hábito

resolviam suas contendas na força. Desses eram reconhecidos, pela valentia inarredável e sanguinária, Maurílio B. e Aureliano S., cada qual com seu currículo de inimigos mortos ou castrados.

Deu-se que os dois, por triste coincidência, engraçaram-se pela mesma Cordélia e, por destino fatal, encontraram-se na mesma noite levantando-se de suas mesas, ao mesmo tempo, na direção da moça. Chegaram a ela juntos, e a partir daí os fatos seguiram o protocolo: a fêmea retirou-se do salão, os demais clientes abriram a pista, a música parou e os machos litigantes dançaram sozinhos. Ambos puxaram do cano da bota suas pequenas facas e desataram, aos brados mais infames, o bailado mais infame. Aureliano, de saída, rasgou a camisa de Maurílio que, recuando, jogou-lhe uma cadeira, o que o fez cair e precisar de ajuda para levantar-se rápido e encontrar-se com o outro no meio do salão. Ficaram os dois abraçados, com as lâminas fio adentro nos buchos do par, torcendo o gume com dificuldade, dado o peso das vísceras alheias e a dor em suas próprias. Olhos nos olhos, caíram abraçados e mortos Maurílio B. e Aureliano S., dois valentes.

Terminada a fuzarca, foram acordar o inspetor de polícia, que lá dormia entre as pernas longas de uma uruguaia. O homem chegou espreguiçando-se, ouviu a história e ordenou tarefas a seus subordinados, os quais, embora bêbados, diligenciaram com presteza. Assim, limpa a sujeira, em pleno exercício do poder o inspetor mandou que seguisse a música, e antes de voltar à uruguaia espichou um olhar a Cordélia, retorcendo as pontas do bigode a meio-

sorriso.

Ela, encostada no bar, bebia um espumante e sentia-se mulher, agora sim, mulher e, pela primeira vez, vaidosa. Era o assunto na casa, na cidade. Sem querer, porque não queria no momento nada além de seu espumante, ouviu a conversa de dois milicos às suas costas. É da Vila tal, disse um deles. Essa não é a vila do... E ela ouviu o nome que a fez voltar a ser menina, a menina deixada e infeliz que realmente era.

* * *

Outra vez em frente à caixa da lã, mais um nó, uma reviravolta, um avanço, outro nó, outra reviravolta inútil, assim vai seguindo Cordélia, enovelando. Decidiu que não se irritaria, não tem mais idade para isso. Antes houvesse cuidado na hora do desmanche, quando jogara a linha de qualquer jeito. Não tem mais tempo para isso. Apressada não é o adjetivo correto, pois quem se apressa é para chegar logo nalgum lugar. Indiscutível é que, aos noventa anos, todo tricô se faz para o inverno imediato.

O que mais a preocupa é a saúde do velho esposo. Ele está na varanda, sentado em seu mocho. Volta e meia põe a mão sobre o peito rouco. Ao vê-la chegando à porta, puxa um assunto, levanta-se, vai providenciar o almoço.

À mesa, esfregando as mãos enrugadas, Cordélia busca as palavras certas. E como há muitas, a escolha fica difícil e nenhuma

é dita. O velho esposo pede licença para colocar os pratos, e já estão tomando a sopa.

Já passaram a tarde e a noite, e estão na cama. Ainda chove. Eles ouvem a chuva, silentes. Não dormem aninhados, culpa das juntas doídas, senão por sentirem um no outro o cheiro de pele velha, cada um temendo que o outro o sinta em si.

* * *

Terceira aula do menino. Ia de bonde à casa dos Macedo Cortês. Ia olhando as ruas e a gente estranha da capital, esta que sempre guardava um olhar de superioridade, se mulher e rica, de indiferença, se mulher pobre, ou de algo a mais se homem, de qualquer condição. Essa gente que plantara as palmeiras, construíra os edifícios e que agia como se dissesse tudo isso é nosso, só nosso. Essa gente que seria toda igual, não fosse um certo homem a quebrar a regra e recebê-la com um olhar sincero. Queria encontrar o pai do menino outra vez, e a sós. Bastaria uma vez, para deixar claro que fora tudo engano, um terrível mas doce engano.

Subiu ao bonde um homem de terno riscado e sentou-se à sua frente. Ela, como ditava o pudor, baixou a cabeça. Via o homem dos joelhos para baixo. Ele usava sapatos brancos. Seus pés quase se encostaram, o que a fez retrair-se, como faria qualquer senhoriinha digna. E seguiu olhando para baixo.

Pensou de novo no pai do menino, como não podia noutra

circunstância pensar, senão assim, no sacolejo do bonde, em meia-tarde, sem mais nada a ocupá-la. Hora inútil a do caminho e, por isso, boa hora ao sonho, não tamborilasse em sua pasta o homem do banco à frente. Ele tinha dedos grossos, mãos peludas e grandes e unhas bem cuidadas, via-se que eram cuidadas por mulher. Ao perceber-se sob a atenção da senhorita, parou de tamborilar, espalmou as mãos na pasta e pigarreou duas vezes. Cordélia, flagrada, voltou a olhar para baixo. Agora ele batia os pés no assoalho, esticando as pernas. Cordélia viu naquilo um desrespeito, descaramento. Corou, irritou-se e deu graças quando avistou seu desembarque.

Na casa dos Macedo Cortês, estavam somente o menino e a governanta. Esta, mulher sóbria, não costumava emitir mais que as palavras precisas para encaminhar professora e aluno à sala de estudos, em verdade o gabinete do pai, e pontualmente interrompia a aula na metade, quando servia biscoitos e chá indiano evitando olhar Cordélia nos olhos. André era um menino amável, ao mesmo tempo delicado e formal, um homenzinho. Durante o intervalo, comia quieto os biscoitos e sorvia o chá sem o menor ruído, falando só para responder à professora que, nesses momentos, indagava sobre a família.

Naquele dia, porém, ela se calava, distraía-se passando a mão na escrivadinha que pertencia ao pai do aluno, lendo o rótulo na caixa de cigarros, sentindo, em segredo, o perfume do homem nos objetos. O menino comia, cuidando a rua pela janela, mas repa-

rara no silêncio da professora.

Acabou o chá e acabaram os biscoitos. Cordélia parecia esquecer-se do tempo, e ocorreu ao menino perguntar o significado de uma palavra, ele a ouvira da mãe, ouvira por trás da porta fechada, quando ela e o pai se trancaram para discutir. Cordélia, ou porque não despertara de todo ou porque não entendera, pediu que André a repetisse.

Meretriz.

Na sétima aula do menino, Cordélia e João eram amantes. Iniciaram numa bela manhã em que ela saía de casa para a escola pública, e ele estava na calçada, escorado em seu lustroso automóvel conversível. Ela não foi à escola, no outro dia inventou que estivera doente. E estivera mesmo, apaixonada. Era uma febre, um sonho febril. Amavam-se num hotel discreto na periferia, amavam-se no apartamento de Cordélia, amavam-se no carro, à noite, em ruas desertas. Amavam-se com ternura.

A sra. Macedo Cortês desconfiava, como desconfiara desde a primeira aula. E o menino André perguntava a Cordélia o significado de novas palavras, que ela entendia bem dirigidas a si própria. Nessas horas, ela reagia em pensamento: cornuda.

Não ia mais de bonde às aulas ao menino. Era apanhada pelo motorista particular de João, que tinha instruções para deixá-la na esquina mais próxima a casa. O motorista se chamava também

João e era um tipo risonho e falante. Um dia ele a chamou Beatriz. Confundira-se, pensou Cordélia, antes e depois de corrigi-lo.

João, o amor, dava-lhe flores quase todo dia, se não pessoalmente, pelo João, motorista. Dava-lhe juras de paixão, essas de perto, ele mesmo. Mandava-lhe bilhetes, às vezes na escola. Ela corava.

O João motorista tinha mau hálito. Quando se virava para falar-lhe, Cordélia o sentia bem. Era dado, sem timidez, e outro dia, com sua boca fedorenta, chamou-lhe Beatriz. Ela julgou ter havido confusão de novo, antes de corrigi-lo. Depois, ficou pensando.

* * *

Por ser bela e jovem, Cordélia ouvia propostas na casa amarela, desde residência própria, para ser então mulher exclusiva do benfeitor, até casamento. Deste último naipe, em situações tão diversas quanto estranhas. Pediram-lhe a mão galanteadores vaidosos, em cujos olhos se via o nítido engodo; beberrões que não suportavam a língua dentro da boca, e no dia seguinte com certeza não lembrariam; jovens moços apaixonados, há pouco virgens, por que desmereciam fé suas paixões; e mesmo homens sinceros e firmes, daquele tipo que jamais magoaria uma mulher, que a respeitaria acima da condição de mulher e abstraindo sua vida pretérita, ou seja, proponentes perfeitos, não fosse um quê: nenhum era o sargento, seu amor.

Naquela noite foi um sr. Tenório, dito valente, como tantos havia na fronteira, e viúvo. Com a falecida esposa, tinha costumes comuns à época e ao lugar, era duro, sem carinhos. Ela morta, porém, dura e sem carinhos fora com ele a solidão, e a casa amarela, antes ambiente social e luxuriante, passara-lhe a refúgio contra a maldita.

Agora o valente sr. Tenório instava a menina Cordélia ao casamento. Ela negou-lhe a felicidade. Ali não era mais uma menina, era mulher, consciente e severa.

Tenório, o solitário, deitou-se encolhido no colo da mulher, chorando como uma criança. Chorava como um despedaçado, abraçando-se a ela, cravando-lhe os dedos trêmulos. Súbito, levantou-se, recompôs a aparência valente, puxou da bainha sua adaga e ordenou me mata. Faz tu mesmo. Não posso, é pecado. Matar também é.

Ouviram-se rumores no corredor. Cordélia estacou: uma das vozes era conhecida. Mais que uma voz conhecida, uma voz desejada. Finalmente chegava-lhe aos ouvidos a voz que todos os dias vibrava em seu coração. Era a voz do sargento.

A menina Cordélia saltou da cama. Pequena, parou frente à porta. Tinha a respiração pesada, suave, sentia as artérias pulsando no pescoço. O valente Tenório largou a adaga e outra vez chorava encolhido na cama, agora um choro surdo.

* * *

Um dia o velho esposo morreu, sem surpresas, tossindo. Estava sozinho em casa. Cordélia passeava, tomando o ar puro da serra que tanto lhe fazia bem aos pulmões.

O corpo foi velado na capela do distrito. Cordélia contou com a presença dos vizinhos. Alguns ela mal conhecia, mas recebeu, mesmo assim, a solidariedade. Na véspera, terminara o novelo. Quanto trabalho! Conseguira porque encontrara o fim da linha. Por mais enredada que fosse a lã, por múltiplos que parecessem os fios, sendo um único, teria um só fim, trilha inevitável e única. Agradecendo as condolências, pensou que, o velho esposo morto, faria o casaco novo para si mesma. Pensou melhor e conclui que não precisava de mais um casaco. Decidiu guardar a lã. Agradeceu de coração a gentileza dos presentes, um a um.

Três dias após o enterro, ela corta lenha. Embora o velho esposo fosse doente, sendo quatro anos mais novo que ela, era o responsável por essa tarefa. Cordélia se cansa e pára. Inspira profundamente o ar matutino da serra. Olha ao redor o morro escuro e repleto de árvores. Admira o verde-negro. Não pensa que aquelas árvores morrerão, dando lugar a outras, que mais tarde também serão substituídas. É só uma velha senhora, recém viúva, de frente para o morro. Não pensa que o próprio morro um dia também não estará mais ali para tapar o sol. Nem lhe é devido saber que este sol, como toda estrela, mais cedo ou mais tarde se apagará, como tudo tem o seu fim, trilha inevitável... e única. Nada disso lhe pas-

sa. Ela apenas admira o morro escuro e quieto.